

POR QUE CONTINUAR LENDO FREIRE?

Moacir Gadotti (*)

Linda Bimbi, no belo prefácio da edição italiana da *Pedagogia do Oprimido*, afirma, com razão, que Paulo Freire é “inclassificável”. Passados mais de 30 anos, depois de tantos trabalhos publicados por ele e sobre ele, a afirmação ainda continua válida. Estamos diante de um autor que não se submeteu a correntes e tendências pedagógicas e criou um pensamento vivo orientado apenas pelo ponto de vista do oprimido. Essa é a ótica básica de sua obra, a qual foi fiel a vida toda: a perspectiva do oprimido. Ela está estampada na dedicatória do seu livro mais importante: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Pedagogia do oprimido foi escrito no Chile em 1968. A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria uma autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo.

Pelo contrário, a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação de hoje. A escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada por muitos de sociedade do conhecimento, de sociedade da aprendizagem. As cidades estão se tornando educadoras e aprendentes, multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um “círculo de cultura”, como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo.

Devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido

(*) **Moacir Gadotti** é professor da Universidade de São Paulo e Diretor Geral do Instituto Paulo Freire. Escreveu vários livros. Entre eles: *Convite à leitura de Paulo Freire* (traduzido em japonês, espanhol, italiano, inglês), *Pedagogia da práxis* (português, espanhol, inglês), *História das idéias pedagógicas* (português, espanhol), *Pedagogia da Terra* e *Um legado de esperança*. Seu livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, com cerca de 800 páginas, é o trabalho mais completo disponível sobre a vida e a obra de Paulo Freire.

como um dos maiores educadores críticos do século XX. Honrar um autor é sobretudo estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos.

Nisso ele mesmo nos deu um belo exemplo. Paulo retomava com frequência os mesmos temas. Há algo que permanece constante no pensamento dele: a sua preocupação ética, seu compromisso com os “condenados da Terra” (*Pedagogia do oprimido*), com os “excluídos” (*Pedagogia da Autonomia*). Seu ponto de vista foi sempre o mesmo. O que há de diferente é a ênfase em certas problemáticas que, estas sim, vão se diversificando e evoluindo.

Paulo Freire “retoma” certos temas, como em *Pedagogia da esperança*, “retoma” a sua *Pedagogia do oprimido*. Em sua *Pedagogia da autonomia* ele afirma textualmente que retoma certos problemas, mas não como “pura repetição do que já foi dito”. “No meu caso pessoal”, diz ele nas páginas 14 e 15 desse livro, “retomar um assunto ou tema tem que ver principalmente com a marca oral de minha escrita. Mas tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que direciono minha curiosidade. Tem a ver também com a relação que certa matéria tem com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de minha reflexão”.

Há certamente na obra de Paulo Freire um retorno e um desenvolvimento em espiral de uma grande polifonia de temas geradores orientados pela escolha de um ponto de vista emancipador da ciência, da cultura, da educação, da comunicação etc. Por isso pode-se concluir que a obra de Paulo Freire gira em torno de um único objeto de pesquisa. Este objeto estaria já no seu primeiro livro *Educação e atualidade brasileira* e que foi consagrado definitivamente na sua *Pedagogia do oprimido*: a educação como instrumento de libertação.

Por que devemos continuar lendo Freire?

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o respeito à pessoa. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele. Definiu-se, certa vez, como um “menino conectivo”.

A pedagogia do diálogo que praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de “classificá-lo” hoje. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.